

SOBRE AS PALAVRAS “HUMANIDADES” E “HUMANISTAS” E SUA IMPORTÂNCIA FILOSÓFICA PARA O NOSSO TEMPO*

ON THE WORDS "HUMANITIES" AND "HUMANISTS" AND THEIR PHILOSOPHICAL IMPORTANCE FOR OUR TIME

Daniilo Bilate**

RESUMO: O artigo visa elucidar as origens da noção de humanismo, entendido no sentido da nomeação de um movimento cultural cujo início é cronologicamente localizável no Renascimento. Para entender como essa noção começa a ser construída, discute-se o estado da arte, ocasião em que se mostra como a palavra “humanismo” foi cunhada apenas no século XIX, tendo sido derivada do uso já decantado de “humanidades” e “humanistas”. Atentando-se a esses termos, operou-se um recorte histórico-geográfico, de maneira a focar a França dos setecentos, sem abandonar sua devida contextualização pela consideração também do século antecedente. A partir desse enfoque, foi realizado levantamento de ocorrência dos termos “humanidades”, “humanistas” e conexos, dos quais os mais relevantes foram analisados, notadamente alguns verbetes da *Enciclopédia*. Com isso, revela-se um posicionamento filosófico altivo que, ao se posicionar contra a “escolástica”, pretende recusar o vício epistêmico da hiper-abstração, cujo exagero consiste em abandonar a realidade acessível pela experiência. Essa recusa acompanha o elogio da eloquência, típico da tradição retórica, que se faz ver no século das Luzes pelo elogio ao bom “gosto” próprio a quem tem “graças” e “espírito”, o que só é possível através da erudição, especialmente aquela relativa à “literatura” e às “belas-letras”. Por último, mas não menos importante, o estudo proposto da origem da noção de humanismo leva, correlatamente, a pistas relevantes sobre a origem da noção de Renascimento. Tanto em um caso como em outro, trata-se de conceber a integralidade do humano como dependente de um esforço contínuo de aprimoramento do bem dizer aliado à justeza do conhecimento, possível apenas pelo respeito à concretude da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: humanidades; humanistas; escolástica; enciclopedistas.

ABSTRACT: The article aims to elucidate the origins of the notion of humanism, understood in the sense of naming a cultural movement whose beginnings can be chronologically located in the Renaissance. To understand how this notion begins to be constructed, the state of the art is discussed, when it is shown how the word “humanism” was coined only in the 19th century but having been derived from the already decanted use of “humanities” and “humanists”. Paying attention to these terms, a historical-geographical cut was operated, to focus on France in the eighteenth century, without abandoning its proper contextualization by also considering the previous century. Based on this approach, a survey was carried out on the occurrence of the terms “humanities”, “humanists” and related terms, of which the most relevant were analyzed, notably some Encyclopedia entries. With this, a haughty philosophical position is revealed which, by taking a stand against “scholasticism”, intends to refuse the epistemic vice of hyper-abstraction, whose exaggeration consists in abandoning the reality accessible through experience. This refusal accompanies the praise of eloquence, typical of the rhetorical tradition, which is seen in the Enlightenment by the praise of good “taste” proper to those who have “grace” and “spirit”, which is only possible through erudition, especially that relating to “literature” and “beautiful letters”. Finally, the proposed study of the origin of the notion of humanism leads, correlatively, to important clues about the origin of the notion of Renaissance. Both in one case and in the other, it is a question of conceiving the integrality of the human as dependent on a continuous effort to improve the good saying combined with the accuracy of knowledge, possible only by respecting the concreteness of reality.

KEYWORDS: humanities; humanists; scholastic; encyclopedists.

* Artigo recebido em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

** Professor Adjunto do Depto. de Filosofia da UFRRJ. Email: danilobilate@icloud.com.

INTRODUÇÃO

O termo “humanismo” é equívoco. Poucos trabalhos tratam da sua origem, dos quais se destaca o livro de Florian Baab (2013, p. 16), autor que nota essa raridade. A palavra nasce no início do século XIX,¹ mas é utilizada para classificar um movimento cultural apenas na década de 1840 (Campana, 1946, p. 72). Ela deriva das palavras “humanidades” e “humanistas”, as duas em voga nos séculos XVII e XVIII. As raízes desses dois termos são ainda mais antigas. Marcel Françon (1972, p. 525) lembra que “Varrão e Cícero empregaram a palavra *humanitas* para traduzir *paideia*”. O mesmo autor acrescenta que a expressão grega “*enkuklios paideia*” foi utilizada por Quintiliano para nomear “uma educação puramente literária” e “uma cultura oratória fundada sobre a retórica” (p. 527). Paul Oskar Kristeller resume assim a origem da palavra e o *ethos* dos primeiros humanistas:

O termo moderno “humanismo” foi usado nesse sentido desde o início do século dezanove e derivou do termo “humanista”, inventado no final do século quinze para designar o professor e o estudante das “humanidades” ou *studia humanitatis*. [...] Os humanistas estavam ativamente envolvidos em tornar acessível para seus contemporâneos as fontes da filosofia e da ciência antigas, descobrindo, copiando e editando textos latinos clássicos, traduzindo textos gregos para o latim (e depois para as línguas vernaculares) e os discutindo e interpretando em seus comentários (Kristeller, 2008, p. 113 e p. 135).

A recuperação dos textos clássicos, característica do Renascimento, é uma ocasião para a acumulação de informações e o humanista é, assim, um erudito, no sentido em que se considera hoje, para nomear um indivíduo capaz de um conhecimento imenso. Segundo Bernard Valade, experimenta-se um certo mal-estar na “época das Luzes” diante desse tipo de erudição: “quiseram se livrar da sujeição às obras antigas” e “do fetichismo da linguagem grega”. Se essa afirmação pode ser, como veremos, contestada, a seguinte, também sua, é menos problemática:

A Revolução suprimiu, em 1793, todas as academias e dissolveu, em 1792, a equipe do *Journal des Savants*. Entendeu-se que “erudição” designa um depósito de fatos e de materiais diversos; a ciência a supõe, mas é a ela que cabe regular seu uso; se se é

¹ Graças a Friedrich Immanuel Niethammer, quando ele escreve “Der Streit des Philanthropinismus und des Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit”, em 1808. Interlocutor de Niethammer, Schelling escreveu sobre esse livro uma resenha, no ano seguinte, intitulada “Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungsunterrichts unserer Zeit dargestellt von Friedrich Immanuel Niethammer” (publicada em “Jenaischen Allgemeinen Literaturzeitung”, números 13, 14, 15). O sentido da palavra “humanismo” ainda não é, em ambos os casos, o que serve à nomeação do movimento cultural que se confunde com o Renascimento.

erudito pela massa dos conhecimentos, é-se sábio pela maneira de empregá-los (Valade, 2020, p. 29).

Essa assertiva é correta porque, ao mesmo tempo, especifica a última década das Luzes francesas como a época e o lugar exatos, nos quais a insatisfação diante da erudição é experimentada de maneira mais consolidada, e esclarece que esse descontentamento se refere a um sentido preciso da palavra “erudição”, que supõe sua oposição à sabedoria.

De qualquer maneira, como Stéphane Pujol (1998) mostra, o humanismo é frequentemente compreendido como um universalismo racionalista e, por essa via, identificado às Luzes. Contudo, o que de resto Valade deixou de fazer, Pujol sinaliza que os pensadores do século XVIII são diversos e que é, portanto, muito difícil identificar uma única tendência entre eles. Nesse sentido, ele continua, graças a alguns materialistas, esse universalismo racionalista foi posto em xeque. Ora, é a consolidação de um estilo, ou da crença em um único método como caminho exclusivo para a verdade, que força um universalismo inadequado às singularidades humanas. Ademais, essa crença acompanha a desvalorização da retórica. Segundo Sylviana Léoni (1998, p. 191): “Os laços consubstanciais assim afirmados entre a procura pela verdade e o ‘método dos geômetras’ tornavam aberrantes a noção de conveniência e de adaptação ao público”. Por conseguinte, a discussão sobre o humanismo se relaciona com o tema da *enkuklios paideia* de Quintiliano, essa cultura oratória que pressupõe uma formação integral do indivíduo humano² e cujo sintagma, aliás e o que não é circunstancial, carrega a origem da palavra “Enciclopédia” (Françon, 1972, p. 527).

A oposição contra um universalismo racionalista representa a aceitação da singularidade de cada indivíduo humano e o reconhecimento de sua natureza corporal e, portanto, afetiva. Sabe-se que a preocupação em conhecer os afetos é clássica no campo da retórica, desde Aristóteles ao menos, pois, no fim das contas, “há persuasão pelos auditores quando eles são levados, pelo discurso, a experimentar uma paixão” (Aristóteles, 2014, 1355b).³ Mesmo antes de Cícero e seu *decorum*,⁴ Aristóteles mostra como o conhecimento dos *pathê* nasce da preocupação do retor com seu público.⁵ Segundo Marc Fumaroli, é esse precisamente o fundamento do humanismo: “o ato de bem falar, dito de outra maneira, de se endereçar a outrem

² Como o *uomo universale* de Petrarca que era então o modelo a ser seguido por todos, segundo Marc Fumaroli (1994, p. 30).

³ Ver, sobre os *pathê*, os capítulos 2-17, 1378a-1391a da *Retórica*.

⁴ Ver, sobre essa noção, o artigo de Jacques-Emmanuel Bernard (2008).

⁵ Por exemplo: “É preciso considerar igualmente o público diante do qual o elogio é pronunciado” (Aristóteles, 2014, 1367a).

e de lhe dizer alguma coisa que ele toma verdadeiramente para si, isso é, em realidade, o *humanitas* mesmo do qual faziam grande caso os antigos” (Fumaroli, 1994, p. x). O Renascimento recupera assim o cuidado de dizer a verdade para que ela possa ser compreendida por aqueles a quem nos endereçamos. É nesse ponto que se pode compreender a confrontação entre o humanismo e a escolástica:

O Renascimento humanista, a *renovatio litterarum et artium* que Petrarca havia inaugurado, se caracteriza antes de tudo por uma mudança do modelo dominante no diálogo entre os letrados. Do modelo dialético da *questio* e da *disputatio* que articula o edifício escolástico e a inteligência teológica do clero e dos monges, passa-se a um modelo de diálogo do tipo retórico, do qual a *epistola* segundo Petrarca e seus derivados (ou modelos) orais, a “conversação” (*sermo*) segundo Pontano e o “ensaio” segundo Montaigne são os gêneros chave (Fumaroli, 2015, p. 30-31).

A oposição estilística entre a rigidez dialética expressa pelo texto discursivo e a experimentação retórica preocupada com a eloquência segue quase sempre essa polaridade entre duas tradições antagônicas. Nós veremos que essa confrontação foi levada explicitamente em conta na França por autores que trataram a escolástica como uma maneira de ver a filosofia pela via do que podemos chamar de “hiper-abstração”, se entendemos por essa expressão o exagero da especulação abstrata que se dá pela separação completa da concretude do real acessível pela experiência. Mas é preciso sublinhar que, na origem, como lembra Augusto Campana, a palavra “humanistas” era utilizada pelos escolásticos para nomear aqueles dentre os mestres das escolas que ensinavam literatura clássica,⁶ o que é confirmado pelo verbete “Escolástica” da *Enciclopédia*.⁷ Este nosso estudo pretende fornecer dados para a compreensão de como, pouco a pouco, as “humanidades” se diferenciaram da filosofia das escolas, de modo a permitir o uso do termo “humanismo”, já nos oitocentos, para designar uma tradição frontalmente oposta a ela.

⁶ “Em primeiro lugar, eles [os documentos] respondem à pergunta sobre o sentido preciso do termo *umanista*. Em seu sentido original, a palavra está intimamente ligada ao sistema escolástico: ela qualifica uma pessoa como professor, público ou privado, de literatura clássica, da cadeira *humanitas* ou *umanità*” (Campana, 1946, p. 66).

⁷ Os escolásticos são aí definidos como “mestres das escolas” por uma maneira muito próxima de como se define os humanistas: “Alguns, contudo, pretenderam que por esse termo entendia-se somente aquele que era encarregado de lhes ensinar as línguas, as humanidades e tudo o que se compreende sob o nome de *Belas-Letras*; mas essa ocupação não era a única do *escolástico*. Ele devia, ainda, formar os sujeitos nas altas ciências, tais como a Filosofia e a Teologia, ou ao menos essas duas funções anteriormente separadas, foram reunidas na mesma pessoa”. É preciso notar aqui que essa última significação é descrita apenas como uma pretensão de “alguns”. O autor desse verbete é desconhecido. As referências aos verbetes da *Enciclopédia* não seguirão o sistema autor-data, pois são textos clássicos facilmente localizáveis. A edição crítica da *Enciclopédia* utilizada é sinalizada nas nossas referências bibliográficas.

A AMBIVALÊNCIA AXIOLÓGICA DAS “HUMANIDADES”

No século XVII, o termo “humanidades”, provavelmente positivo ou neutro para o senso comum, tinha um sentido principalmente pejorativo em algumas ocorrências literárias. No teatro, por exemplo, é o caso de Jean-François Regnard (1691, ato 3, cena 5); sua personagem Madame Pindaret diz: “Eu tenho bastante belas humanidades, como podeis ver; mas eu vou me dedicar à física”, assinalando assim uma posição hierarquicamente inferior das humanidades em relação aos saberes relativos à natureza. Ademais, ao adjetivá-las como “belas”, o autor ironicamente deprecia também a eloquência, como potência capaz de produzir belezas retóricas. O exemplo do uso da palavra por Regnard não é o único no teatro dos seiscentos. Molière também faz dela um uso semelhante. Depois de seu Argan dizer: “Os médicos não sabem, pois, de nada, segundo pensas?”, o interlocutor Béralde (1673, ato 3, cena 3) responde: “Mas sim, meu irmão. A maior parte deles sabe muito das belas humanidades, sabem falar um belo latim, sabem nomear em grego todas as doenças, defini-las e catalogá-las; mas, quanto a curá-las, é o que eles não sabem absolutamente”. Nota-se, portanto, uma associação das humanidades a um certo pedantismo ou até mesmo a uma ignorância mascarada por uma eloquência enganadora.

Ainda que o termo “humanidades” já tivesse também um sentido positivo, que se mantém no século XVIII, a designar uma formação erudita rica em leituras dos antigos textos em grego e latim, permanece ainda possível uma significação negativa para o seu uso no século das Luzes. É nesse sentido que D’Holbach (1768, p. 104) escreve: “Se os padres não têm qualquer humanidade, em contrapartida eles nos fazem fazer boas *humanidades*, que consistem em nos ensinar um pouco de mau latim e muito de catequese”. D’Holbach joga com a simples diferença entre as formas singular e plural da palavra para significar o que poderíamos compreender hoje como um humanitarismo, no primeiro caso, e com a formação escolar, no segundo. Antirreligioso militante, ele faz esse jogo de palavras para assinalar a falta de humanitarismo por parte dos mestres humanistas, quase sempre padres.

Essas significações negativas, seja pela inferiorização das humanidades em comparação à física ou a uma teoria que leve efetivamente à prática, seja por uma avaliação moral depreciativa do catolicismo, não são consensuais. No século XVII, nomeando como “humanistas” os eruditos que dão cursos de formação em humanidades, Bayle os compreende como participantes de uma tradição ou de uma maneira de filosofar mais correta que a escolástica:

Ele [Nicolas Leonie Thomaeus] quis voltar até a fonte, a fim de reestabelecer a filosofia, que ele encontrou miseravelmente desfigurada pelas vãs sutilezas dos escolásticos e pelas especulações dos comentadores árabes. Como ele era grande humanista, não deve nos surpreender nem o seu desprezo pelo método de filosofar que se seguia naquele tempo nem a coragem que ele teve de explicar o texto grego de Aristóteles (Bayle, 1715, p. 713).

Como podemos verificar, a etiqueta “humanismo” não se faz ainda presente, mas a referência à palavra “humanista” nesse contexto não deixa qualquer dúvida de que se trata de precisar uma tradição filosófica contrária a dos doutores em teologia dos séculos precedentes. Essa contraposição se detalha, então, pelo uso que será doravante recorrente do substantivo “sutileza” e palavras correlatas (como o adjetivo “sutil”, por exemplo) para nomear o pensamento escolástico.

Na *Enciclopédia*, mais exatamente no verbete “Humanidades”, Mallet lembra a maneira pela qual os professores de humanidades eram então chamados, *humanitatis Professores*, o que nos mostra como o uso do termo francês “humanistes” não estava ainda completamente estabelecido,⁸ com o uso da expressão em latim conservando uma autoridade simbólica. Ele escreve também que as humanidades “significam as letras humanas, isto é, o estudo da Gramática, do Grego e do Latim, da Poesia, da Retórica e dos antigos poetas, oradores, historiadores, em uma palavra, tudo o que se tem costume de ensinar nos colégios, desde a sexta série até a Filosofia exclusivamente”. Enfim, e é o mais importante, Mallet explica que as Belas-Letras são consideradas humanidades, “porque seu objetivo é o de distribuir graças ao espírito e doçura aos costumes e, assim, humanizar aqueles que os cultivam”. Vê-se bem aqui uma crença implícita a um modelo de humanidade, no sentido do que caracteriza o “homem”, modelo vagamente caracterizado como o fato de se ter espírito e delicadeza das ações, o que leva a uma certa “agradabilidade”.

Na mesma *Enciclopédia*, no verbete “Epicurismo”, Diderot escreve sobre A. Magnene, que esse fez “suas humanidades” em Chantersier e que ele tinha “os costumes doces, o julgamento são e conhecimentos profundos”, versado em vários domínios de conhecimento com erudição “quase universal”. A doçura sobre a qual falava Mallet aparece aqui acompanhada da saúde do julgamento e da profundidade do saber. Diderot continua e observa que “nunca um filósofo foi melhor humanista nem um humanista tão bom filósofo” e, após utilizar assim a palavra, confirmando seu sentido original, ele conclui: “seus escritos não são sem

⁸ Ainda que haja, também na *Enciclopédia*, um verbete “Humanista”, segundo o qual ele “é um jovem homem que segue o curso dos estudos chamados de *humanidades*”.

agradabilidade; ele é claro em seus raciocínios e justo em suas ideias”. Aqui, Diderot parece retomar Bayle, se a oposição que esse último estabelece entre os humanistas e as sutilezas dos escolásticos representa uma apologia da clareza retórica e da justeza filosófica.

Voltaire (1773, p. 20) também faz importantes observações a propósito dos termos que estamos estudando: “E quanto a dizer *quando um astro brilhante se levantava, ele obteve*, ao invés de *ele obtinha*, eu tenho alguma ideia de que quando eu fazia minhas humanidades no colégio de Plessis, se eu caísse nesse solecismo, o bom M. Jacquin, que ama que se fale francês, teria feito que me dessem uma palmatória”. Com sua ironia bem conhecida, Voltaire nota aqui a rigidez dessa formação humanística, demasiadamente preocupada com o bom uso da língua. Mas na *Enciclopédia*, para o verbete “Literatura” – texto ali reescrito, aliás, pelo cavaleiro de Jaucourt, com poucas modificações –, Voltaire deixa claro que essa rigidez humanista é virtuosa:

O tempo chegou nesse país quando não se dá qualquer importância a um erudito que, para esclarecer ou para corrigir passagens difíceis de autores da antiguidade, um ponto de cronologia, uma questão interessante de geografia ou de gramática, faz uso de sua erudição. Tratam-na como pedantismo e se acha dessa forma o verdadeiro meio de desencorajar todos os jovens que teriam zelo e talentos para ter sucesso no estudo das humanidades. Como não há nenhuma injúria mais ofensiva do que a ser qualificado de pedante, toma-se bastante cuidado de não se adquirir muita *literatura* para ser em seguida exposto ao último ridículo (Voltaire, 1756, p. 222).⁹

O pedantismo, atacado por Regnard e por Molière, é aqui compreendido como um motivo de ataque questionável, porque arrisca matar o desejo de saber. Segundo Voltaire, tal é o “efeito dessa censura desprezível”, ainda que ela se cubra “do pretexto enganoso de dizer que é preciso trabalhar para polir o espírito e para formar o julgamento, e não para empilhar em sua memória o que os outros disseram e pensaram”. Além disso, esse tipo de censura serve aos “espíritos preguiçosos” que, dessa maneira, “espalharam pela república das letras um gosto frívolo que só tende a mergulhar na ignorância e na barbárie”. Opondo-se a esses “bufões ignorantes”, Voltaire sustenta que “apenas as letras podem polir o espírito, aperfeiçoar o gosto e emprestar graças às ciências” (Voltaire, 1756, p. 224). Ainda uma vez mais, um autor do

⁹ E Voltaire continua: “Não se pode duvidar que uma das principais razões que fizeram cair as belas-letras consiste no fato de que vários belos espíritos, pretensos ou verdadeiros, introduziram o costume de condenar, como uma ciência de colégio, as citações de passagens gregas e latinas, e todas as marcas de erudição. Eles foram bastante injustos para envolver em suas baixeiras os escritores que tinham mais polidez e conhecimento da ciência do mundo. Quem ousaria, pois, após isso, aspirar à glória de erudito, gabando-se de suas leituras, de sua crítica e de sua erudição?” (Voltaire, 1756, p. 222-223).

século das Luzes fala do fato axiologicamente positivo de se ter espírito, e polido, e de se ter assim graça, como uma possibilidade dada pela formação humanista.

CONTRA A ESCOLÁSTICA

Igualmente na *Enciclopédia*, essas características de aperfeiçoamento do gosto, de polidez e graças do espírito, de justeza das ideias acompanhada de agradabilidade, todas adquiridas por erudição ou “literatura”, são confrontadas às características da escolástica. A crítica que Bayle já havia feito um século antes, quando ele falava do desígnio humanista de reestabelecimento da filosofia contra a desfiguração miseravelmente operada pelas vãs sutilezas escolásticas, essa crítica é retomada e completada pelo elogio da eloquência. É por essa via que Diderot sustenta, no verbete “[Filosofia dos] Escolásticos”, que a escolástica engloba um “método de ensinar e de estudar” que “infeta todas as ciências”, cuja lógica “é apenas uma sofisticalheria pueril”, a física “um emaranhado de impertinências” e a metafísica “um galimatias ininteligível”. Trata-se, para Diderot, de uma “das maiores pragas do espírito humano”, de uma filosofia que ensina noções abstratas sem relação evidente com a realidade e, além disso, que não instrui a bem viver e a bem agir.

Retomando o termo “gosto” no verbete com esse título, escrito para a *Enciclopédia*, D’Alembert considera que é “praticar uma dupla injúria às belas-letas e à filosofia, crer que elas possam reciprocamente se prejudicar ou se excluir”. E é ele que, antes de classificar a escolástica como “lepra”, lhe atribui um “gosto bárbaro”:

[Verbetes:] Filosofia da Escola: designa-se por essas palavras a espécie de filosofia que se nomeia de outra maneira e mais comumente como *escolástica*, que substituiu as coisas pelas palavras e os grandes objetos da verdadeira Filosofia pelas questões frívolas ou ridículas; que explica por termos bárbaros coisas ininteligíveis; que fez nascer ou honrou os universais, as categorias, os predicamentos, os graus metafísicos, as segundas intenções, o horror ao vácuo etc. Essa filosofia nasceu do espírito e da ignorância. Pode-se localizar sua origem ou, ao menos, sua mais brilhante época, no século doze. O pouco de conhecimento que era então compartilhado no universo, a falta de livros, de observações e o pouco de facilidade que se tinha para encontrá-los, fizeram pender todos os espíritos para o lado das questões ociosas; pensou-se sobre abstrações, ao invés de raciocinar sobre os seres reais; criou-se para esse novo tipo de estudo uma língua nova e aqueles que tinham aprendido essa língua, por causa disso, acreditavam-se eruditos.

A crítica de D’Alembert contra o “gosto bárbaro” de substituir as coisas pelas palavras, próprio aos escolásticos, está intimamente ligada à sua crítica contra a extrapolação da

capacidade de abstração. Como o mesmo autor deixa entrever no verbete “Elementos das ciências” da *Enciclopédia*, a sua repugnância pela escolástica – semelhante àquela de Bayle e de Diderot – é a recusa de fazer com que a filosofia “se perca nas abstrações”. Esse perigo se consolida através dessa “especulação inútil” que “retarda, com questões vagas e contenciosas, o progresso de nossos conhecimentos reais” e que é “contrária à marcha do espírito”. Não se trata de recusar a reflexão que trabalha com abstrações, mas o mau uso delas por uma imaginação demasiadamente criativa que as cria sem relação com fatos singulares observáveis. Portanto, o filósofo só deve conhecer “as abstrações pelo estudo dos seres particulares”. A perspectiva apresentada no verbete “Ontologia” – novamente escrito por D’Alembert, mas agora junto a Diderot – não é diferente. Contudo, aqui aparece um novo significante, ao qual não podemos deixar de prestar a devida atenção, o de “jargão”. Através dele, o problema do excesso de abstração toma corpo pela análise retórica:

Os escolásticos soberanamente apaixonados por seu jargão, não deixavam ao abandono o terreno mais propício à produção dos termos novos e obscuros: assim eles subiam até às nuvens sua *philosophia prima*. Desde que a doutrina de Descartes se destacou, a *ontologia* escolástica caiu no desprezo e tornou-se o objeto do riso público. O novo filósofo, que coloca como princípio fundamental que não se deve admitir nenhum termo ao qual não responde uma noção clara ou que não seja analisável por sua definição em ideias simples e claras, essa decisão, emanada do bom senso, proscreeu todos os termos ontológicos então em uso. Efetivamente, as definições destinadas a explicá-los eram, para as pessoas ordinárias, mais obscuras que os termos mesmos; e as regras ou cânones dos escolásticos eram tão equívocos que não se podia deles fazer qualquer uso.

Questão de retórica e de gnosiologia, a escolástica carece de gosto porque ela se afasta da realidade. Temos aí uma crítica à tradição medieval das escolas muito comum na hoje chamada “modernidade”. A associação feita por D’Alembert e Diderot entre a escolástica e a sua inutilidade, própria a um discurso hiper-abstrato que faz uso do jargão, revela a recusa do erro advindo da fantasia. A polarização entre ciências e belas-letras, que se consolida posteriormente, não é outra coisa senão consequência exagerada dessa recusa.

Curiosamente, para o verbete “Ciências”, o cavaleiro de Jaucourt observa que “é necessário, para delas se aproveitar agradavelmente, ser ao mesmo tempo homem de letras” e ele conclui que “os princípios das ciências seriam desencorajadores se as belas-letras não lhes emprestassem charmes”. O que poderia parecer uma valorização da eloquência em detrimento das ciências se mostra, ao contrário, como uma via de mão dupla: “Mas se as belas-letras emprestam agradabilidade às ciências, as ciências, por sua vez, são necessárias para a perfeição

das belas-lettras. Qualquer cuidado que se tenha para polir o espírito de uma nação, se os conhecimentos sublimes não tiverem aí acesso, as letras, condenadas a uma eterna infância, só fariam gaguejar”. Ora, esse texto de Jaucourt continua com uma tomada de consciência do que seria mais tarde chamado de “Renascimento”. O autor faz referência aos “séculos de trevas” da Idade Média, como sendo um intervalo entre uma época de empobrecimento filosófico e outra do reflorescimento dos conhecimentos:

A mesma época que viu perecer Roma, viu perecer as ciências. Elas foram quase esquecidas durante doze séculos e durante esse longo intervalo a Europa permaneceu mergulhada na escravidão e na estupidez. A superstição, nascida da ignorância, a reproduziu necessariamente, tudo tendia a afastar o retorno da razão e do gosto. Foi preciso, para que o gênero humano saísse da barbárie, uma dessas revoluções que dão à Terra uma nova face. Como o império grego havia sido destruído, sua ruína fez reflorescer na Europa o pouco de conhecimentos que permaneciam ainda no mundo. Enfim, pela invenção da Impressão, a proteção dos Médicis, de Júlio II e de Leão X, as Musas retornaram de seu longo desaparecimento e recomeçaram a cultivar seus louros secos.

Esse recomeço se efetua pelo “o estudo das línguas e da história”. As “obras dos gregos e dos romanos” são traduzidas, comentadas e adoradas. Esse movimento cultural faz cultivar os espíritos e, graças a isso, “viu-se eclodir, quase ao mesmo tempo, todas as obras-primas do último século, em eloquência, em história, em poesia e nos diferentes gêneros de literatura”. Dessa maneira, a recuperação e uma cultura antiga perdida salva a filosofia e garante seu desenvolvimento. Essa salvação não dependia, contudo, apenas do prestígio dado às belas-lettras, mas igualmente do enfraquecimento da escolástica, essa inimiga do desenvolvimento científico: “Mas enquanto as artes e as belas-lettras eram honradas, faltava muito para a filosofia triunfar, tanto a escolástica prejudicava o avanço de seus progressos”.

A literatura a respeito da crítica moderna à escolástica não se resume a essas referências, evidentemente. Os exemplos são abundantes, sobretudo os referidos à produção francesa e inglesa dos seiscentos e setecentos. Também na França do século XVIII, Helvétius denuncia o *modus scholasticus*: “O que deseja o supersticioso é que o homem seja absurdo; o que ele teme é que o homem não se esclareça. A quem confia ele, portanto, o cuidado por embrutecê-lo? Aos escolásticos”. Igualmente, ele faz em seguida o elogio da linguagem compartilhável, senão pela exatidão da denotação, por seu caráter ordinário:

É à falsa filosofia dos séculos precedentes que se deve principalmente atribuir a ignorância grosseira, onde nós nos encontramos, sobre a verdadeira significação das palavras: essa filosofia consistia quase inteiramente na arte de delas abusar. Essa arte, em que consistia toda a ciência dos escolásticos, confundia todas as ideias; e a

obscuridade que ela jogava sobre todas as expressões se espalhava geralmente sobre todas as ciências e principalmente sobre a moral (Helvétius, 1795, p. 268).¹⁰

CONCLUSÃO

O texto escrito por Jaucourt para o verbete “Ciências” é um rico resumo da maneira pela qual muitos autores das Luzes francesas compreendem a relação entre as humanidades, como recuperação do saber clássico, em oposição à escolástica, como um tipo de filosofia enquadrada pela hiper-abstração. Essa compreensão engloba também a valorização da eloquência e do saber que a sustenta – as belas-letas, a retórica – e pressupõe a erudição dos humanistas como condição para a sabedoria.

O verbete “Ciências” é um manifesto típico do que podemos nomear anacronicamente como humanismo. Trata-se de um momento histórico no qual o termo “ciência” é ainda bastante amplo, sendo apresentado como sinônimo de conhecimento filosófico. Não é por acaso que Jaucourt se permite considerar as ciências como inseparáveis do estudo das belas-letas. Para mostrar o seu ponto, ele apela a Sócrates, Xenofonte, Platão, Aristóteles, Varrão, Brutus e Cícero. A antiguidade greco-romana é, portanto, levada totalmente em consideração e sua decadência se confunde com a das “ciências”, isto é, com a derrocada do conhecimento filosófico genuíno. Após ter explicado o que hoje chamamos de Renascimento, considerando-o como a recuperação das ciências segundo o espírito greco-romano, Jaucourt observa que a escolástica prejudica os progressos do conhecimento humano. Em contrapartida, ele cita autores contemporâneos, tais como Bacon e Newton, como exemplos da reconstrução das ciências. O elogio que ele faz desses, como autores expoentes da recuperação e renovação do saber antigo, está de acordo com os comentários de outros enciclopedistas que estudamos aqui, como D’Alembert, Diderot e Voltaire. É o que podemos verificar pela análise de verbetes como “Humanidades”, “Literatura”, “Escolástica” e outros, que permitem desenhar uma compreensão mais clara do que chamamos de humanismo, entendido como uma tradição clássica, revivida graças ao Renascimento, que respeita o saber racional e a arte oratória, se colocando então como antagonista da filosofia escolástica medieval.

¹⁰ Para nos restringirmos a algumas outras referências, dessa vez dos autores clássicos ingleses, ver, por exemplo: o *Novum organum scientiarum* de Bacon [1620], sobretudo as seções §§14, 15, 17, 65, 71, 81 e 87; o *Leviatã* [1651] de Hobbes, notadamente os capítulos 2-8 da primeira parte; o capítulo 10 do livro 3 do *Ensaio filosófico sobre o entendimento humano* [1689] de Locke. Para um comentário sobre esse tema e esses autores, além dos franceses, ver o excelente livro de Éric Marquer (2019).

Observa-se uma confrontação não apenas entre o *modus scholasticus* e o *modus oratorius*, mas uma outra enraizada na tradição dos humanistas mesmos. Fumaroli declara que há, de acordo com alguns humanistas, “duas grandes famílias cuja incompatibilidade domina a história da *res litteraria*”. Sobre a primeira, o autor afirma que ela é “ligada ao luxo, à desordem dos costumes, à efeminação dos caracteres, à meia-cultura” e que “favorece um estilo abundante e periódico, rico de ‘palavras’ inúteis e vãs, e pobre de ‘coisas’”. A segunda é “ligada à pureza dos costumes, à saúde, à frugalidade, à sobriedade, à castidade, à virilidade enfim, indissociável do vigor intelectual e da verdadeira ciência” que “se exprime naturalmente em um estilo breve, ao mesmo tempo eficaz e irresistível, pobre de ‘palavras’ e rico de ‘coisas’ sólidas” (Fumaroli, 1994, p. 159).

Como quer que seja, a luta contra a hiper-abstração manifesta estilisticamente pela “sutileza” escolástica se insere na tradição que valoriza a cultura como cultivo da “humanidade”. A tarefa de tornar “humano” pressupõe o cuidado com o espírito, com seu exercício para lhe dar graças e doçura. Trata-se do motivo do classicismo fiel ao que se pode supor ter sido o motivo mesmo da romanidade. Como explica Pierre Vesperini, para os antigos romanos, os *homines inhumani* se elevam “progressivamente” à condição de *humanitas*, passam “da natureza à cultura”, a noção moderna dessa passagem, portanto, derivando “em linha reta do imaginário romano”. Essa passagem é descrita por vários termos: *erudire*, *perpolire*, *excolere*, *mansuefacere* (Vesperini, 2015). Os elementos elogiados pelos setecentistas estão todos ali: erudição, polimento, cultivo, doçura.

Essa tradição, que nomeamos recentemente como “humanismo”, entra em declínio precisamente quando as “Luzes” se dissipam. Esse processo histórico de difícil datação pode ser, todavia, percebido durante a progressiva consolidação da nova noção de “ciência”, contemporânea da distinção de si própria e da literatura e da filosofia, aquela entendida como exercício imaginativo, essa como especulativo. Ocorre que tradições não se apresentam na história como um *continuum* ininterrupto. Se há um humanismo romano, ele dificilmente pode ser visto durante o medievo. Se há uma sua recuperação pelo classicismo, ele se perde de vista em nossa época. Cabe a nós, portanto, o esforço e a tarefa de um novo renascimento que consiste em “iluminar” o mundo, pela recusa, ao mesmo tempo, da fantasia hiper-abstrata que se afasta da concretude do real e da estreiteza de espírito, que empobrece suas potencialidades, doçuras e graças.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Rhétorique**. Trad. Fr. de Pierre Chiron. In: *Œuvres complètes*. Paris: Flammarion, 2014.

BAAB, Florian. **Was is Humanismus?** Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 2013.

BAYLE, Pierre. **Dictionnaire historique et critique**. Troisième édition. Tome 3, Rotterdam: [s.n.], 1715.

BERNARD, Jacques-Emmanuel. Rhétorique et société chez Cicéron. **Modèles linguistiques**, n°58, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ml/368>

CAMPANA, Augusto. The origin of word “humanism”. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, vol. 9, 1946, pp. 60-73.

D’HOLBACH, Baron. **Théologie portative ou Dictionnaire abrégé de la religion chrétienne**. Londres: [s.n.], 1768.

DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean le Rond. **L’Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers**. Chicago: University of Chicago, Encyclopédie ARTFL Project, Robert Morrissey & Glenn Roe (eds.), Edição de outono de 2022. Disponível on-line em: <https://encyclopedia.uchicago.edu>

FRANÇON, Marcel. Humanisme, ‘Bonae Literae’, Encyclopédie. **Romance Notes**, vol. 13, n° 3, 1972, pp. 523-528.

FUMAROLI, Marc. **L’âge de l’éloquence**: rhétorique et « res literaria » de la Renaissance au seuil de l’époque classique. Paris: Albin Michel, 1994.

FUMAROLI, Marc. **Exercices de lecture**: de Rabelais à Paul Valéry. Paris: Gallimard, 2006.

FUMAROLI, Marc. **La République des Lettres**. Paris: Gallimard, 2015.

HELVÉTIUS, Claude-Adrien. *De l’esprit*. In: **Œuvres complètes**. Paris: P. Didot, 1795, tomo 5.

KRISTELLER, Paul Oskar. Humanism. **The Cambridge History of Renaissance Philosophy**. New York: Cambridge University Press, 1988, pp. 113-138.

LÉONI, Sylviane. Une redécouverte restreinte: la rhétorique française du 18^e siècle. **Dix-huitième siècle**, n° 30, 1998, pp. 179-193.

MARQUER, Éric. **Art de penser et art de parler**. Politique et poétique du langage dans la philosophie moderne. Paris: Classiques Garnier, 2019.

MOLIÈRE. (1673). **Le malade imaginaire**. Disponível em: http://moliere.humanum.fr/base.php?Le_Malade_imaginaire

PUJOL, Stéphane. L'humanisme et les Lumières. **Dix-huitième siècle**, n° 30, 1998, pp. 271-279.

REGNARD, Jean-François. (1691). **La coquette ou l'Académie des dames**. Paris: [s/n], 1878.

VALADE, Bernard. L'érudition: usages et enjeux. **Hermès, la Revue**. Paris: CNRS Éditions, v. 87, n° 2, 2020, pp. 21-35.

VESPERINI, Pierre. Le sens d'*humanitas* à Rome. **Mélanges de l'École française de Rome – Antiquité**, vol. 127, n° 1, 2015, Disponível em : <http://journals.openedition.org/mefra/2768>

VOLTAIRE. (1773). *Lettre anonyme adressée aux auteurs du Journal encyclopédique*. In: **Œuvres complètes de Voltaire**, edição Louis Moland. Paris: Garnier, 1877-1885, tomo 29.

VOLTAIRE. (1756). *Articles pour l'Encyclopédie*. In: **Œuvres complètes de Voltaire / Complete works of Voltaire**. Oxford: Voltaire Foundation, 1968-, tomo 33.